

*Continuação de uma história*

# *A Fuga do Cinema* *(5ª Parte)*

*(Inúmeras histórias da Vila Dois Rios pertencem a fato tradicional da região).*

É MAIS UMA EDIÇÃO deste Jornal, de continuação da história da “FUGA DO CINEMA” que, deixei parada por alguns dias depois de preparar a Edição 39ª e, hoje re-tomo o andamento do assunto, com mais três trechos conforme seguem nestas páginas que, acabo de tirar das minhas velhas anotação jogadas em arquivos desde o século passado. Mas parecia ter acontecido muito tempo atrás e, na verdade, foi logo ali, em 1978, ou seja, há 35 anos. Mas, o fato pode ter acontecido há menos tempo, já que, inteiramente preocupado da idéia, pouca atenção sobrou para as datas do rascunho, disperso entre outros papéis velhos. Além de que muitas vezes o raciocínio, profundo gravado na cabeça tira a percepção do que está acontecendo no papel,

dificultando a reprodução com exatidão do tempo:

Uma outra volante é formada pelo Cabo Antônio José Raimundo, conhecido no meio funcional como Antônio Nicássio, ou por vezes “o Nico”, nome do tratamento carinhoso que recebeu do seu maior amigo, o Sargento Amichi.

Nico, o famoso “Cachorrinho do Mato”. Como sempre foi um homem temido pelos presos em fuga, que rotula o volante pela sua astúcia no rastro, infalível graças a seu faro apurado. Sempre traz um ou mais fugitivo aprisionado.

Hoje com ajuda de muitos companheiros na profissão, reuni a sua equipe escolhida a dedo, e toca para o canto da Barrinha, dando



início lá no cantinho, ao serviço de mato conforme ele gosta de fazer \_ ensaiando pra lá e pra cá, por conta da lei das volantes. Ao que estes homens não são diferentes dos de Francisco Euzébio \_ dito o "Morcegão" chefe da turma de presos do trabalho na estrada. Geralmente conhecido como "Chicão". Homem valente no trabalho no mato por ocasião das volantes e, também, no trabalho braçal das turmas que chefiou na estrada.

Lá no canto da Barrinha tem um caminho de subida na ladeira, Nico foi logo, subindo e rasgando uma nesga na mata, e vieram aí marcando o terreno todo para reconhecimento posterior, habilmente até por cima da mangueira sitiada no terreiro da Casa Velha. Retomaram a trilha do Caxadaço, mas desprezaram o rumo daquela localidade, tomando a direção da Cachoeira do Moura e dali avançaram para a estrada com uma energia feroz.

Foram se animando cada vez mais para verificar o terreno da travessia dos fugitivos sem encontrar nenhum vestígio por ali. Ao que o comandante Nicássio comandava os volantes obedeciam em tudo de melhor em redor foram fazendo bem feito o serviço. Aprovando o terreno. Nada mexido encontraram foram, então em frente vasculhando o terreno, aquela gente no comum, até ao fim da saída principal da Vila Dois Rios, que vara para o lado do Caxadaço e Abraão. Onde não precisava bater mais foram deixando as saídas marcadas, e entrando agora na área de roça de mandioca e passam pela Casa de Farinha. Ganhando a subida do Guatemala não foi preciso vasculhar, por esse motivo, caíram pelo lado de cima do bambuzal, cortando pelas duas caixas d'água, a revistar a subida que rompe o Castelo, no cocuruto da tubulação de impulso das turbinas da Usina Hidroelétrica, onde estão correndo os maiores lufos da borrasca deste dia da Fuga do Cinema. O que escuta o ouvido dos volantes como se fossem passos velozes de prisioneiros em fuga vindo como bando de tapir rompendo a floresta para ganhar a picada velha da viga, eminente perigo que leva ao centrão da mata, podendo envereda pelo rachão da Pedra Alta, e dali seguir o Rio Vertente que sai para o Pico do Papagaio,

fugindo para a Penal como também para o Iguaçu ou qualquer outra praia daquele lado, esta hipótese seria uma grande desvantagem para as volante que estão se formando neste dia da Fuga do Cinema.

Rápidos, andam correndo como num rastro fresco se anda.

Água e nem vento, agora desmarca o território que está todo marcado com o serviço que já foi feito pela Volante de Antônio Nicássio. Pois, foram batidas todas as saídas para o lado do Abrão e Caxadaço, ou subidas para a mata que estende por toda a região da Represa, para encontrar Chicão lá pelas bandas da Olaria.

Aqui não tem mais nada a fazer! \_ Exclamou Nicássio à sua volante toda reunida no lajedo manancial da Canaleta das caixas d'água da Cadeia; tirando dúvida para depois seguir viagem. Rasgando o morro, de banda, do outro lado da Cachoeira, até a Estrada da Represa. Cujo está em obra, sendo reformada agora nesta administração do diretor Barreto Bonfim e subdiretor Salmon. Para tal, por estas ocasiões foram solicitadas obras na Represa, Tubulação da Usina e Estrada de acesso ao local: Por solicitação vieram funcionários da Divisão de Obras e Material do DESIPE no Rio de Janeiro, para reforma da tubulação da Usina Hidroelétrica, Represa e Estrada de acesso a Represa: Vieram Antônio Chagas, Aurelino e Aldo. A estrada está sendo a primeira etapa da empreitada, toda ela está sendo subleitada para subida de material pesado (cimento, brita, ferro e madeira), num espaço de um ano mais ou menos isto; as obras deverão estar concluídas da Olaria até a Usina, passando pela Represa: Como subleitamento da estrada, substituição das pilastras de sustentação da tubulação aérea que algumas estão pendendo, reforma de caixas de pressão d'água, barragem da represa e contenção de barreiras. Está sendo para esta melhoria, dinamitadas algumas pedreiras e está sendo feito transporte de britas do britador aos cuidados do Gama amigo do Sr. Chagas. O caminhão dá a penas uma viagem ao dia trazendo pedra britada, ferramentas pesadas (alavancas), madeira, cimento e aproveitando-se a viagem para trazer



o almoço da turma (mais de 30 homens) trabalhando. Mas, hoje a turma desta obra foi recolhida de imediato, logo depois de iniciar o primeiro expediente, deixando a área livre para o trabalho da Volante de Antônio Nicássio que, ao chegar aqui na cachoeira tiveram uma breve reunião, e subiu o morro e depois desceram pela Estrada, para a Olaria que fica embaixo, onde toparam, agora, na Ponte Alta da Olaria, Chicão Euzébio, remarcando serviço com Valdir Jordão, Raul, Carlinho Cara de Galinho e os outros volantes ainda não regressaram da última missão que fazem em busca na cachoeira a cima entre a Olaria e o pé da queda da cachoeira grande, que fica lá em cima, bastante distante e bem refugiada no mato, onde Francisco Euzébio desconfiado manda averiguar qualquer esconderijo que possa haver na imediação desta localidade suspeita de ocultar fugitivo da evasão de hoje pelo Cinema.

Mas, não para por aí: Chicão como é o seu costume de fazer, anda em toda parte arranjando serviço e manda verificar subida dos lados da mata, economizando tempo e cansaço de alguns volantes:

Chicão, fala para os volantes ouvir e ganhar ânimo: — “Ah, o é, gente. Não vão desperdiçar tempo — vai somente até o poço onde preso costuma tomar banho, e volta aqui; ninguém vai ficar aí, andando adoidado”.

— “Espera, gente, o Nicássio chega aqui, para a gente bate pra lá pru lado do Saco da Sardinha, é qué pé te! Se os presos não foram resgatados, da tempu. Vamu pega todo mundo esperando embarcação na costeira”.

Surge de repente, o cabo Antônio Nicássio:

Dois minutos depois, com a sua tropa, resumida em alguns volantes como: Cantuária, Euzébio novo, Lima, Carlinho e Tião. Aí, cada um dos chefes trata de falar baixo para o seu grupamento de volante:

— “Calma” de exclamação, para cessar o afobamento.

Antônio Nicássio, como sempre muito apressado, saiu na frente puxando a testa da volante, começando a bater o caminho para o lado da Parnaioca; e confirma rastros frescos de fuga, na lama do caminho, nas extremidades da pontezinha de pau roliços, que atem mais a frente, num córregozinho que corre do charco dos fundos da Olaria. E, o mato virado pra lá, forçava uma afirmação do cabo Nicássio:

— “Parece que tá pra cá nego —, o mato tá todo penteado pra lá” —. Nicássio pronuncia com meias palavras estas afirmações para Chicão, causando certo ânimo na tropa de volantes, agora, composta pelas duas equipes (uma do cabo Antônio Nicássio e a outra do Chicão), e apertando o passo, na subida do topo do caminho que passa por entre as duas guaritas policiais, ambas desguarnecidas neste momento. Uma de cada lado do caminho olhando os volantes já quase correndo. Mais a frente numa baixadinha, certifica-se o caminho do pescueiro à esquerda numa descida para o Saco da Sardinha, nada se confirma descendo para aquela costeira de possíveis resgates de presos; não obstante, o rastro está todo de caminho a fora, parecendo dizer que os fugitivos do Cinema da Prisão seguem para a praia da Parnaioca.

Nico e Chicão foram logo matando a charada: — O bando está para o lado de lá! E eles continuam caminhando sem desfazer rastro, seguindo o mato virado para aquela localidade da Parnaioca. Nico, de vez enquanto confirma: — “Tá, penteado! Vamos voltar à base e mandar cercar o Sítio Forte”. Sugere e continua confirmando melhor os rastros — passa pela Toca das Cinzas, avançando até a Cachoeirinha. Atravessou avançando um pouco mais e dando por convencido. Voltaram dali mesmo, na mesma pegada, correndo, desfazendo a posição do mato do caminho, — desvirando o mato, agora, ao contrário do que estava.



## II

Regressando. Quando chega à descida para a Olaria, propriamente, na passagem pelas Guaritas. Do alto antes um pouco, avista os casebres dos presos colonos-livres, brancos lá longe, aparecendo os cumes dos telhados, sobressaindo da copa das árvores. Logo-logo passa de volta pela Pontezinha de pau roliços, correndo e ganhando a entrada novamente da Ponte Alta da Olaria. Lá embaixo da ponte se vê, no meio da clareira a correnteza movendo que nem cobra no leito do rio, e a água serena toda coberta de folhas amarelas, maduras do bambu fino caídas sobre o espelho d'água, formando tapete amarelo marchetado de verde e cinza de beleza rara!

Logo ali ao lado direito do caminho, avista no meio de uma várzeazinha, o casebre composto de duas unidades habitacionais de dois colonos-livres: O Caixeiro que trabalha na roça do Tobias lá perto do Caxadaço, e outro da lavoura aqui em torno da casa. Este pesa sobre ele a falta no Confere Geral do início da tarde na porta da prisão, não se encontra em parte alguma e foi por isto incluído na lista dos foragidos.

A tropa de volante continua regressando à base, e passa tão logo pelas casas de colonos-livres que margeiam a estrada. Formando na Vila Dois Rios uma outra vila, digamos operária onde o cenário deste movimento de vai-e-vem de gente chama a atenção da molecada da subvida, filhos de colonos-livres. Eles abrem correndo para dentro de suas casas com medo. Ligeiro a avisar suas mães que a Volante está voltando da mata. O povo das casas corre também para ficar olhando de soslaio a tropa passar. Sem querer fazer nada aqui com eles amedrontados com o burburinho da fuga. Estão escabreados e tem medo de averiguações, que é uma situação incômoda por estas ocasiões: As casas são revistadas da cozinha à sala de visita, numa ocasião desta ou outra qualquer. As famílias observam com suspense e vigília incomum, sobre a movimentação da Volante que neste momento não anda, corre com pressa

para chegar ao Serviço de Segurança e tomar outras providências.

Para as volantes, na Vila de Colonos-livres sempre tem muito a fazer, mas hoje tudo que precisava já foi feito: Como vistorias arredores de quintais, fundos de casas entulhados de bagulhos, moitas de canas, touceiras de capim guiné e moitas de cipó. Nada disso tem mais importância alguma para as volantes, cujo momento um simples rastejar de calango na folhas secas, faz um ruído de coisa grande bulindo e o bastante para se puxar arma.

O estado geral de moradia destas quarenta e oito casas de colonos-livres varia de uma para outra, contando com as oito lá de baixo no início da Avenida São Paulo entre o Estábulo e a Legião Brasileira de Assistência (L.B.A.). Há casas que pode se dizer que nem é casa — é simplesmente um barraco qualquer de alvenaria com água encanada, luz e esgoto que some por aqui mesmo na superfície da terra ou em caixa de improvisado. A melhor residência é a do colono que mora numa casa por detrás da Casa de Visita dos Internos (CVI). Um antigo faxineiro, o interno Balbino, herdara do falecido Cordeirinho este palácio para os seus familiares: Pois é a melhor casa de moradia da Vila de presos Colonos-livres da Colônia de Dois Rios. Tem funcionamento semelhante como se fosse a casa grande de uma fazenda dessas aqui da ilha antigamente: Tem água encanada direta das canaletas que vem da cachoeira. Tem horta do lado de baixo, banheiro de torneira na pia para os ajudantes e um cercado grande de plantação bem tratado. A casa em si possui uma sala grande e uma varanda na frente para se olhar o movimento lá fora na CVI, e o andamento diário dos dias de visitas. A CVI se distancia uns trinta metros a frente voltada para a Estrada Marvirado.

Os guardas de serviço nestas paradas para vigiar a CVI tem um situação de suspense a toda hora: Aqui anoitece de pressa com a sombra das árvores e da montanha que debruça e quebra cedo à luz do sol. Além do mais



basta dizer que: \_ Encima de uns pilares existe uma grande caixa preta que distribui água aos tanques da serventia coletiva da CVI. E na complementação do volume produz um ruído de moinho, que dá medo, com batuque compassado dos canos jorrando água, parece uma música de féretro sendo batido no cemitério aqui perto. Embebido deste jeito o guarda de serviço na guaritazinha na extremidade, não pode ver ninguém passar de pinote à distância, muito menos o tal Gravatinha que vem e não vem como gente, nestas horas transfigura-se de zumbi.

Verificando todas as possibilidades, o trabalho da Volante confirma através de rastros, que os presos em fuga pelo Cinema Carcerário da Vila Dois Rios passaram por dentro da cachoeira lá embaixo distante nos fundos de um correio de casas de colonos-livres que vai desde a ponte do Estábulo até a pequena Ponte do Cemitério; somente foi possível fazer este

Nestas alturas, o pessoal das Volantes já perdeu a certeza dos horários do dia de hoje. O Serviço de Segurança do Presídio está num verdadeiro desatino. Daí pega um cansaço. Desse jeito já entardece e o sol pisca. Somente resta fechar a noite, e aí, mora o perigo \_ que pode ser maior. Os mandantes da Segurança: Senhor Sargento Souza, Sargento Amichi Thebalde e Sargento Brum, temem investir mediante trevas, para fim de caminhada. Eles mandam vim Chico Euzébio e Antônio Nicássio, até ao Gabinete do Senhor Diretor para tomar opinião e ouvir um segredo de Estado Maior.

Agora os dois chefes de volante manda dividir os volantes em duas equipes, que eles vão sair rapidinho, conforme acaba de ser

levantamento tomando as informações no perímetro da CVI com o guarda de serviço no posto posterior, os outros dois, estão desguarnecidos por deslocamento do guarda para outros serviços e, assim sendo a deficiência resulta na fraca vigilância, somada aos indícios que se aponta o caminho percorrido pela fuga não ter sido interceptado a tempo; resta agora seguir a rota já descoberta, pelas equipes de volantes que aguarda o Serviço de Segurança do Presídio determinar medidas a ser tomada é o que fica claro senhor Diretor.

Cabo Antônio Nicássio, bateu as saídas pelo lado do Abraão e da Represa, enquanto que Francisco Euzébio fez o serviço por dentro da Vila de Colonos-livres. Resta agora formar o cerco e tão logo dar por encerrado os trabalhos preliminares de campo aqui na vila. Distribuir as equipes de volantes para continuar o serviço dos rastreadores, para possíveis, re-capturas nas regiões distantes na ilha, por enquanto.

### III

combinado no Gabinete do Diretor; cada um leva seu punhado de guarda e policiais, que está sendo escolhidos e chamados para eles seguir viagem. Uma equipe seguirá pela Parnaioca, a pé para o Sítio Forte; e a outra equipe, seguirá embarcada até ao Sítio Forte. Para, então, as duas equipes fechar o cerco, uma caminhando ao encontro da outra, partindo de pontos extremos nesta noite, com objetivo de encurralar no caminho o bando de fugitivos. Que pelos planos dos dois grandes chefes de volantes os presos em fuga não tem como escapar ao cerco que funciona como se armadilha fosse ou simplesmente uma emboscada infalível.

Dessa forma: Se Deus aprovar as equipes de volantes chega com os prisioneiros da Fuga



do Cinema, de volta à Cadeia da Ilha Grande! Assim os dois grandes chefes de volantes aceitaram de cumprir a missão imbuída num segredo de estado, a que foi determinado, porém, os motivos estes não perguntaram. Tudo está plenamente planejado, inclusive as praias vão ser cobertas pelas Diligências.

Então, Chico Euzébio e Nico, guardam uma tensão honesta do dito no Gabinete, não põe todo mundo ciente do tramado. Ainda espera. Mas diz por que é que também não repassam aquilo a todos: Perigos e perigos só os fortes sabem. Missão cumprida é o que esperamos de vocês \_ disse Amichi na presença do Diretor e do Chefe de Segurança no Gabinete.

Deste pacto para frente é capaz de tudo, se fazer para recapturar de qualquer jeito os prisioneiros desta fuga, cujo, acredita-se que o bando foragido está adiante arranjando jeito de atravessar o mar, hoje bravio e noite favorável.

Os chefes de volantes, guardando com eles tal Segredo de Estado em nome da Administração do IPCM, levam a eito a missão, vendo, examinando e prevendo os acontecimentos. Para isso aprenderam cada um os nomes de um em um componente de sua equipe de volante, que vai nesta missão e em que lugar encontrar rumo. Resumos foram feitos: \_ Quantos tem a seguir para os combates de mato e, que perigos qualquer coisa tem daqui por diante, pode ocorrer a qualquer momento uma surpresa, aqui, acolá. Nestas horas precisa habilidade no ofício para salvaguardar o nome da Instituição. Cada chefe olha e conta às armas, anota número, nome do portador e conta também às pencas de munições e as cartucheiras de cinturão. A Segurança prepara as armas de levar, prezando as mais bem conservadas e as de agüentar firmeza: Verificando gatilho e cão \_ isto que é importante numa ferramenta de trabalho de recaptura \_ o sargento chefe do Serviço de Segurança defende esta idéia fazendo este comentário.

A Segurança do Presídio vive dando instrução à guarda novo de nenhuma prática, nesta situação anormal e neste clima reparte os homens em dois pelotões de volantes: Em grupos de doze para cada lado e um de cinco ou seis reservou para as diligências. Em cada grupo de volantes ao menos uns três bons rastreadores. Agora carece de municio de praia para as diligências, rádios para os avisos \_ reclamavam os volantes mais antigos. Eles mesmos cada um tem um bom assovio de macaco na boca.

Aqui mesmo na Seção do Serviço de Segurança, na presença dos chefes dessa repartição, os dois monstros sagrados chefes de volantes do IPCM, faz entendimento e encontra solução para desimpedir os rumos dos trabalhos de mato nesta noite que vem aproximando com cara tenebrosa; o quarto de dia restante não se leva mais em conta; a noite por certo pegará a todos no meio do caminho, daqui para o destino inserto, e deixará a missão grave atravancada. A salvação está em mãos peritas jogadas à limpeza do trabalho sem temer segredo algum.

Essa tarefa de vai, mas não vai; sai, mas não sai; decide aqui, decide dali; arruma uma e outra aporrinha que requer o compromisso, antes da buzina do Cata Cornos roncar, não mais tarde ninguém se deu à incumbência de saída por acabado. Da Portaria do Presídio parte a Volante que contorna a metade da ilha para dar início na missão do rastreamento dessa noite na Praia do Sítio Forte. E, tem-se a testa como primeiro rastreador Francisco Euzébio, Valdir Jordão, e batedores: Jovelino o terceiro rastreador; Cantuária quarto rastreador; Antônio Cordeiro da Gama o "Toninho filho do Gama do Estábulo o quinto rastreador; João Lucas na cobertura geral; e na retaguarda: Ezequiel, João Pereira, José Carlos o "Cara de Galinho" e, mais dois guardas e um policial sem experiência no serviço de mato.



O Serviço de Segurança ficou com o grupo menor, o de quatro guardas \_ nessa figurava alguns chefes de repartição. Enquanto que no Serviço de Administração do ICM, continua funcionando com seu chefe Natalício José Martins; Walkir Coutinho na Seção de Classificação e Tratamento Disciplinar; Jorge Ribeiro na Seção de Valores; e o Assistente do Gabinete \_ 1º Ten. Salmon. Logo que termina a distribuição das volantes, o chefe da Segurança contou: Só que tido todo o pessoal repartido, ainda sobraram sete guardas novos que foram re-divididos e incorporados \_ a metade serve para reforçar Chicão no transporte de petrechos e mantimentos e a outra parte para reforçar as

equipes de diligências. E assim está formado um aparato grande. E, a Volante do Chico Euzébio, parte para o Sítio Forte, com intenção de caminhar a noite inteira de lá para encontrar com a outra volante, que vai a pé daqui para aquela localidade. E assim, prossegue o trabalho das volantes nesta noite e no dia seguinte, quantos dias e noites necessários forem, até a recaptura do bando do Saldanha, que já está recomendado por um grande segredo mantido entre os chefes e a Direção da Unidade Prisional. Esse segredo representa entre todas as responsabilidades, a maior tarefa da Volante de "A Fuga do Cinema".

### COM AS ESTRELAS

Da praia de noite olhando o céu todo visível,  
A estrela que mais brilha é minha guia.  
Receba ti minha alma sensível,  
Estrela que brilha diferente eu a seguia.  
De todas as metáforas que pudemos imaginar  
Para mim fica mesmo a imagem  
Da busca da estrela que devemos agarrar.  
Onde está minha estrela de coragem?  
Acho que devemos sempre agir com definição  
Perseguir uma estrela no céu, vista da beira do mar.  
Mas que seja uma perseguição  
Mansa, daquela que nos fazem voar.  
Para o infinito e nos transformar  
Em seres mais leves para nossos destinos.  
Quando perseguimos nossa estrela a brilhar,  
Aproximamos da sensação nossos mais profundos desejos íntimos.  
Muitas vezes, nessas horas,  
Que nos toca na alma invisível  
Realizamos nossa obra.  
Essa é nossa estrela-guia sensível.  
Invisível ao olho nu, porém, a vemos piscar,  
Devemos com ela manter  
Uma espécie de código que nos deverá ajudar  
Onde cada claridade intensa deve permanecer.  
Refulgente pista sobre nosso caminho.  
Acredite que existem estrelas  
Mais brincalhonas do que outras, porém, todas são cheias de carinho.  
Algumas poderão ser um pouco mais dramáticas entre elas.  
Mas acho que o melhor  
Seria olhar as como um brilho de carinho.  
Que desembaraça o que temos de pior.  
Que nos manda à luz de mansinho.  
Em busca da nossa melhor qualidade.  
Sei que pode ser um pouco estranha,



Essa conversa com estrelas, longe da realidade,  
Mas que mal pode existir nesta artimanha?  
*De dialogar* com o Cosmo imenso!  
Pois não somos parte integrante?  
Da realidade desse mesmo Universo!  
Não somos feitos de carne e osso! Água e lágrima mitigate!  
*Não pertencemos*, enfim!  
A essa identidade que é estar aqui!  
Então!? Por que no fim,  
Não está no céu também, longe daqui!  
*É importante* refletir  
Que hoje estamos aqui na fonte  
E ao mesmo tempo podemos admitir,  
Estar muito além do horizonte.  
*Dá-me uma sensação* de que se pensarmos assim,  
Alcançaremos qualquer estrela no céu infinito.  
E com isso, conquistaremos enfim,  
Qualquer estrela da terra, torrão e granito.  
*Qualquer espaço* no chão.  
Pensando bem, vamos desejar logo,  
O amor ao Universo todo. Num clarão  
Assim, quando a vida nos legar o que rogo.  
*Apenas um* pequeno satélite  
Ou uma tímida estrela cadente,  
Não se abateremos um só momento deprimente.  
Parece que temos cada um. Um ambiente.  
*Uma estrela* ou, melhor gostaria de imaginar,  
Que a nossa estrela é especial.  
Ela brilha com mais força desde o minuto inicial  
E por ser especial vem sempre nos dominar.  
*Além do que* o normal.  
Esse brilho, ela já até confessou inúmeras vezes,  
Nem sempre é positivo pensar assim fora do normal.  
A nos deixar cego para umas verdades própria da fadiga ocular.  
*E ao nos rendermos* a uma luminosidade de poderes enganosos.  
Aí se descuida vira refém  
Das promessas de um clarão intenso que vem.  
Ficando, às vezes, à mercê de princípios perigosos.  
*Lembrei-me* que outras pessoas carregam  
Também, estrelas diferentes.  
Algumas trazem a certeza das dores que chegam  
Mas também, das dignidades existentes.  
*E de um* amor profundo.  
Por todas essas estrelas  
Que brilha sem continuidade de fundo.  
À noite, piscam para nós mesmos com umas comunicações só delas.  
*Maior do* que as palavras ou gestos.  
Dizem-nos com seus brilhos fugidios,  
Que estamos juntos e, que nunca sós nos momentos,  
Díficeis no Universo em sua totalidade desde os nossos princípios.

## EXPEDIENTE

OS TEXTOS – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.